

Varejo Balanço em xeque

Americanas afasta diretores para não ‘contaminarem’ apuração de rombo

— Empresa diz que seis executivos e gestores da área financeira e contábil terão sua volta condicionada ao desfecho da investigação sobre ‘inconsistências’ de R\$ 20 bilhões

MURILO RODRIGUES ALVES
BRASÍLIA
LUCAS AGRELA
SÃO PAULO

A Americanas decidiu afastar ontem seis executivos e diretores da área financeira e contábil da companhia e de suas controladas para evitar que eles “contaminem” as investigações sobre o rombo bilionário que levou a varejista a pedir recuperação judicial.

O Estadão apurou que todos foram convocados para uma reunião ontem à tarde, quando foram comunicados da dispensa. O período em que ficarão fora da companhia ou mesmo o retorno deles está condicionado à apuração das investigações.

“O conselho de administração da companhia deliberou, nesta data (ontem), afastar os diretores estatutários de todas as suas funções e atividades na companhia e suas controladas, durante o curso das apurações decorrentes do fato relevante publicado em 11 de janeiro de 2023 (quando a existência

de “inconsistências contábeis” de R\$ 20 bilhões veio a público), sem que o afastamento represente qualquer antecipação de juízo”, diz trecho do comunicado divulgado ao mercado.

Carlos Alberto Sicupira e Paulo Alberto Lemann, filho de Jorge Paulo Lemann, integram o conselho de administração da Americanas. No total, são sete membros, incluindo Eduardo Garcia, Claudio

Isolados
Diretores agora afastados já estavam sem acesso à contabilidade e a e-mails corporativos desde o dia 11

Garcia, Mauro Not (independente), Sidney da Costa (independente) e Vanessa Claro Lopes (independente).

A reportagem apurou que há suspeita de envolvimento dos executivos afastados no processo que desembocou na descoberta da fraude. Até pelo tempo em que permaneceram à frente da rede varejista. Eles pertencem à gestão de Miguel

Gutierrez, que ficou na varejista por 30 anos (sendo 20 anos como CEO) e que até agora não deu nenhuma explicação — apesar de o rombo se referir aos balanços dos últimos anos. Esses diretores já estavam sem acesso à contabilidade da empresa e a e-mails corporativos desde o dia 11 de janeiro.

A crise envolvendo a Americanas também foi parar na Justiça, com os bancos credores cobrando as dívidas não pagas. A companhia pagava fornecedores por meio de uma triangulação com os bancos, mas os pagamentos não foram devidamente dimensionados e realizados, gerando o rombo.

O trio de acionistas Jorge Paulo Lemann, Carlos Alberto Sicupira e Marcel Telles já afirmou que desconhecia a existência de irregularidades na empresa. Mas em conversas reservadas com o Estadão, representantes de bancos afirmaram não acreditar na versão de que o comando da Americanas não soubesse de eventuais fraudes na contabilidade. Eles apontam uma sequência de fatos recentes que, vistos de trás

No vermelho



Entenda a crise na varejista

● **A crise**
Em 11 de janeiro, Sérgio Rial, então presidente da Americanas, anunciou “inconsistências contábeis” de R\$ 20 bilhões no caixa da empresa. Ele, que estava no cargo havia pouco mais de uma semana, deixou a presidência

● **Recuperação judicial**
Oito dias depois, a Justiça do Rio aceitou o pedido de recuperação judicial da empresa. A companhia admitiu uma dívida, a maioria com bancos, de R\$ 43 bilhões

● **Disputa**
Desde a semana passada, o trio de acionistas, Jorge Paulo Lemann, Carlos Alberto Sicupira e Marcel Telles, e bancos trocam acusações sobre a responsabilidade pelo desfalque

para frente, deixam as instituições financeiras com desconfianças em relação à versão dada pelos maiores acionistas.

NOVA ESTRUTURA. Ao pedir a recuperação judicial, a empresa já tinha anunciado a instalação de um comitê independente liderado pelo jurista e ex-diretor da CVM Otávio Yazbek, e a contratação da Rothschild. Ainda mencionou a nomeação da executiva Camille Loyo Faria para o cargo de diretora financeira (CFO).

Agora, de acordo com o comunicado, a Americanas terá uma nova estrutura com o afastamento dos diretores. A empresa apontará novas lideranças, internas e externas. Para o gerenciamento da recuperação judicial, a varejista contratou a Alvarez&Marshall; a consultoria da Deloitte Touche Tohmatsu fará a assessoria contábil. Outras mudanças não estão descartadas para garantir a operação da companhia. João Guerra, vindo do RH da Americanas, segue como CEO até nova eleição em 2024. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Negócios Caderno: B Pagina: 6